

O OLHAR PSICOLÓGICO HUMANISTA SOBRE A RELIGIÃO/ESPIRITUALIDADE

A HUMANISTIC PSYCHOLOGICAL PERSPECTIVE ON RELIGION/SPIRITUALITY

UNA PERSPECTIVA PSICOLÓGICA HUMANISTA SOBRE LA RELIGIÓN/ESPIRITUALIDAD

 <https://doi.org/10.56238/arev7n11-066>

Data de submissão: 10/10/2025

Data de publicação: 10/11/2025

Carlos Santos Leal

Doutor em Educação, Arte e História da Cultura

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: carlos.leal@ufma.br

Orcid: <https://orcid.org/0009-0009-9385-2504>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7949486810256742>

José Assunção Fernandes Leite

Doutor em Filosofia

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: Jose.fernandes@ufma.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/362690000959533>

Francisca Moraes da Silveira

Doutora em Análise do Comportamento

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0325-065X>

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0012238764045677>

Anderson Rodrigues Franco

Graduado em Psicologia e Pedagogia

Instituição: Universidade Federal do Maranhão

E-mail: anderson.franco@discente.ufma.br

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5495793538631103>

RESUMO

Este artigo apresenta uma síntese crítica das contribuições de Carl G. Jung, da Gestalt-terapia (Fritz e Laura Perls) e de Viktor E. Frankl para a compreensão da religião/espiritualidade no horizonte da Psicologia Humanista. Trata-se de pesquisa qualitativa, de objetivo exploratório, com procedimento bibliográfico e finalidade básica pura, conduzida sob atitude fenomenológica, privilegiando descrições da experiência e a elucidação conceitual. Em Jung, destacam-se o estatuto da religiosidade como expressão universal da psique, o conceito de numinoso e o processo de individuação, que integra dimensões consciente-inconscientes num holismo pessoal; tal enquadre legitima a presença do religioso na clínica como via de sentido e integração. Na Gestalt-terapia, a religião aparece como fenômeno do campo organismo-meio que atravessa o contato, favorecendo responsabilidade, liberdade e autoria; ancorada em premissas humanistas, fenomenológicas e existenciais, a abordagem recusa reducionismos e entende o sagrado como processo concreto que permeia significados. Em Frankl, a busca de sentido é motivação primária, assentada numa antropologia somático-psíquico-noética; a

religiosidade funciona como “idioma simbólico” que orienta escolhas, sem se reduzir a confessionalismos. A análise comparativa evidencia convergências: visão não-determinista da pessoa, centralidade do sentido/valor, foco na totalidade e na capacidade de auto-direção. Conclui-se que integrar vivências religiosas/espirituais ao enquadre humanista é epistemologicamente consistente e clinicamente fecundo: amplia a escuta de valores, sustenta processos de congruência e fortalece a autoria do cliente. Sugerem-se estudos qualitativos aplicados (estudos de caso, narrativas clínicas) para examinar como tais vivências operam na mudança terapêutica em diferentes contextos culturais e institucionais.

Palavras-chave: Psicologia. Religião. Clínica Humanista.

ABSTRACT

This article offers a critical synthesis of the contributions of Carl G. Jung, Gestalt therapy (Fritz and Laura Perls), and Viktor E. Frankl to understanding religion/spirituality within the horizon of Humanistic Psychology. It is a qualitative study with an exploratory aim, using a bibliographic procedure and pure basic purpose, conducted under a phenomenological attitude that privileges experiential descriptions and conceptual elucidation. In Jung, the highlights are the status of religiosity as a universal expression of the psyche, the concept of the numinous, and the process of individuation, which integrates conscious–unconscious dimensions into a personal holism; this framework legitimizes the presence of the religious in clinical practice as a pathway to meaning and integration. In Gestalt therapy, religion appears as a phenomenon of the organism–environment field that traverses contact, fostering responsibility, freedom, and authorship; grounded in humanistic, phenomenological, and existential premises, the approach rejects reductionisms and understands the sacred as a concrete process permeating meanings. In Frankl, the search for meaning is the primary motivation, grounded in a somatic–psychic–noetic anthropology; religiosity functions as a “symbolic language” that guides choices without reducing itself to confessionalism. The comparative analysis reveals convergences: a non-deterministic view of the person, the centrality of meaning/value, a focus on totality, and the capacity for self-direction. It concludes that integrating religious/spiritual experiences into a humanistic framework is epistemologically consistent and clinically fruitful: it broadens the listening to values, sustains processes of congruence, and strengthens client authorship. Applied qualitative studies (case studies, clinical narratives) are suggested to examine how such experiences operate in therapeutic change across different cultural and institutional contexts.

Keywords: Psychology. Religion. Humanistic Clinic.

RESUMEN

Este artículo ofrece una síntesis crítica de las contribuciones de Carl G. Jung, la terapia Gestalt (Fritz y Laura Perls) y Viktor E. Frankl para comprender la religión/espiritualidad dentro del horizonte de la Psicología Humanista. Se trata de un estudio cualitativo, con objetivo exploratorio, basado en un procedimiento bibliográfico y de carácter puramente básico, desarrollado bajo una actitud fenomenológica que privilegia las descripciones experienciales y la elucidación conceptual. En Jung, destacan el estatus de la religiosidad como expresión universal de la psique, el concepto de lo numinoso y el proceso de individuación, que integra las dimensiones consciente e inconsciente en un holismo personal; este marco legitima la presencia de lo religioso en la práctica clínica como vía de sentido e integración. En la terapia Gestalt, la religión aparece como un fenómeno del campo organismo–entorno que atraviesa el contacto, fomentando la responsabilidad, la libertad y la autoría; basada en premisas humanistas, fenomenológicas y existenciales, la aproximación rechaza los reduccionismos y entiende lo sagrado como un proceso concreto que impregna los significados. En Frankl, la búsqueda de sentido es la motivación primaria, fundamentada en una antropología somático–psíquico–noética; la

religiosidad funciona como un “lenguaje simbólico” que orienta las elecciones sin reducirse al confesionalismo. El análisis comparativo revela convergencias: una visión no determinista de la persona, la centralidad del sentido/valor, el enfoque en la totalidad y la capacidad de autodirección. Se concluye que integrar las experiencias religiosas/espirituales en el marco humanista es epistemológicamente coherente y clínicamente fecundo: amplía la escucha de valores, sostiene procesos de congruencia y fortalece la autoría del cliente. Se sugieren estudios cualitativos aplicados (estudios de caso, narrativas clínicas) para examinar cómo tales experiencias operan en el cambio terapéutico en diferentes contextos culturales e institucionales.

Palabras clave: Psicología. Religión. Clínica Humanista.

1 INTRODUÇÃO

A relação entre Psicologia e religião, historicamente marcada por tensões e reducionismos, vem ganhando releituras no interior da chamada “terceira força” em Psicologia. Sob o horizonte humanista-fenomenológico, autores clássicos como Carl Gustav Jung, Friedrich (Fritz) Perls e Viktor Emil Frankl convergem ao reconhecer, cada qual a seu modo, a espiritualidade como dimensão constitutiva da experiência humana — não restrita ao dogma, mas relacionada à produção de sentido, à totalidade da pessoa e ao seu devir existencial (JUSTO, 2005; JUNG, 1978, 1981; FRAZÃO; FUKUMITSU, 2013; FRANKL, 1991, 2005, 2017). Este trabalho parte desse referencial para sustentar que o fenômeno religioso, longe de ser epifenômeno patológico, integra o campo de experiências pelas quais o sujeito se comprehende, se orienta e se transforma.

Na Psicologia Analítica, Jung reivindica a atitude fenomenológica para descrever os “fatos psíquicos”, entre eles, as vivências do sagrado (o *numinoso*), sem reduzi-los a causalismos naturalistas (JUNG, 1978). Sua noção de individuação, entendida como o processo pelo qual a pessoa se torna quem é, supõe um todo dinâmico em que consciente e inconsciente buscam integração; por isso, a clínica não pode fragmentar a personalidade nem se confinar aos sintomas (JUNG, 1981). Nessa trajetória, o religioso aparece como expressão antiga e universal da alma humana, dotada de valor estruturante para o sentido (JUNG, 1978).

A Gestalt-terapia, por sua vez, emerge do humanismo, da fenomenologia e do existencialismo, e desloca o foco do “sujeito isolado” para o campo organismo-meio, enfatizando contato, presença e responsabilidade (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2013; SILVA; BAPTIST; ALVIM, 2015). Seus fundamentos — teoria organísmica (Goldstein), holismo (Smuts) e teoria de campo (Lewin), sustentam uma visão integrada do humano: o que afeta uma parte afeta o todo; logo, a clínica deve considerar o contexto e a historicidade das experiências de valor, inclusive as religiosas (KIYAN, 2006). Nessa chave, espiritualidade e sagrado são atravessadores de sentido no campo, sem anular a liberdade íntima do indivíduo para significar sua existência (PINTO, 2009/2016).

Já a Logoterapia de Frankl toma a busca de sentido como motivação primária, apoiada em uma antropologia tridimensional, somática, psíquica e noética/espiritual, na qual liberdade e responsabilidade se jogam no modo como o sujeito responde às circunstâncias (FRANKL, 1991, 2005; ANDRADE, 2015, 2017). A religiosidade, entendida como expressão legítima dessa busca, não se confunde com confessionalismo: aproxima-se de um “idioma” simbólico mediante o qual o humano se orienta perante o absoluto (FRANKL, 2017). Assim, a dimensão espiritual não “religiosiza” a clínica; ela a *humaniza*, abrindo espaço para escolhas de sentido mesmo sob condições-limite (MOREIRA; HOLANDA, 2010; SANTOS, 2016).

Diante desse quadro, delineia-se o problema que orienta o estudo: como integrar, na prática e no discurso clínico humanista, as vivências religiosas/espirituais do cliente sem reduzi-las a crença privada nem expulsá-las do setting, mas reconhecendo seu estatuto de experiências de sentido? Tomam-se como hipóteses operacionais que (i) a atitude fenomenológica — suspensão de pressupostos e escuta descritiva — previne reducionismos (JUNG, 1978); (ii) o enquadre de campo e de totalidade da Gestalt-terapia legitima o sagrado como parte do mundo-da-vida do cliente (FRAZÃO; FUKUMITSU, 2013; KIYAN, 2006); e (iii) a orientação ao sentido da Logoterapia oferece critérios éticos para trabalhar liberdade e responsabilidade na esfera do valor (FRANKL, 2005, 2017).

O objetivo geral é explicitar, a partir de Jung, Perls/Gestalt e Frankl, pressupostos teórico-clínicos para o acolhimento qualificado do religioso/espiritual na clínica humanista. Como objetivos específicos, busca-se: (a) descrever convergências conceituais em torno de totalidade, campo, individuação e sentido; (b) discutir a espiritualidade como dimensão noética/experiencial e não apenas confessional; (c) propor implicações clínicas: a) centralidade da pessoa sobre o sintoma; b) condições facilitadoras de presença/contato; c) manejo ético de valores e crenças.

Metodologicamente, trata-se de estudo teórico-bibliográfico, de abordagem qualitativa e atitude fenomenológica, com análise temática dos conceitos estruturantes nos autores selecionados. Como relevância, a pesquisa contribui para práticas menos normativas e mais dialógicas, em que a clínica humanista reconhece o religioso como via legítima de construção de sentido — condição decisiva para processos de cuidado coerentes com a dignidade, a liberdade e a singularidade do cliente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 PSICOLOGIA HUMANISTA E RELIGIÃO, CONTRIBUIÇÕES DE JUNG.

Segundo Justo (2005), Jung contribui com o movimento de validação da Psicologia humanista, visto que sua teoria, a Psicologia Analítica, apresenta vários aspectos comuns aos defendidos pelos autores da terceira força em Psicologia. Conforme aponta Justo: “Percorrendo obras de Jung, o leitor fica surpreso ante o elevado número de conceitos centrais da linha humanista em psicologia/psicoterapia, especialmente da visão rogeriana (...)” (JUSTO, 2005, p. 1).

A compreensão das aproximações entre a teoria de Jung e os pressupostos da Psicologia humanista demanda um entendimento aprofundado de sua teoria. Carl Gustav Jung (1875-1961) se fez presente no fortalecimento do movimento denominado como Psicologia humanista, e muito contribuiu para a compreensão do fenômeno religioso através do método fenomenológico.

Jung, em vários trechos de suas produções a qualifica como fenomenológica, em suas Obras Completas “Psicologia da Religião Ocidental e Oriental”, no Vol. 11/1, o tema Fenomenologia é muito presente em diferentes passagens. No capítulo I deste livro cita o autor:

Embora me tenham chamado freqüentemente de filósofo, sou apenas um empírico e, como tal, me mantendo fiel ao ponto de vista fenomenológico. Mas não acho que infringimos os princípios do empirismo científico se, de vez em quando, fazemos reflexões que ultrapassam o simples acúmulo de classificação do material proporcionado pela experiência. Creio, de fato, que não há experiência possível sem uma consideração reflexiva, porque a “experiência” constitui um processo de assimilação, sem o qual não há compreensão alguma. Daqui se deduz que abordo os fatos psicológicos, não sob um ângulo filosófico, mas de um ponto de vista científico-natural. (...) me abstendo de qualquer abordagem metafísica ou filosófica. Não nego a validade de outras abordagens, mas não posso pretender a uma correta aplicação desses critérios (JUNG, 1978, p. 7).

Jung (1981) em seu livro “A prática da Psicoterapia”, Vol. 16/1, ao se referir aos princípios básicos da prática da psicoterapia afirma que no processo terapêutico a cura não significa uma transformação da personalidade, mas um processo no qual o indivíduo vai tornando-se a si mesmo. Jung (1981, p. 24), afirma:

Em todos esses casos, o médico deve deixar em aberto o caminho individual da cura, e neste caso o processo terapêutico não acarretará em nenhuma transformação da personalidade, mas será um processo, chamado de individuação. Isto significa que o paciente significa que o paciente se torna aquilo que de fato é.

No processo de individuação, a teoria desenvolvida por Jung vai apresentar uma série de conceitos que se harmonizam com os pressupostos da Psicologia humanista e que contribuíram para o desenvolvimento desta abordagem psicológica. Dentre estes conceitos, destacam-se: O holismo, que na Psicologia humanista significa dizer que as pessoas, em sua totalidade, são mais que a soma das partes. Essa ideia de totalidade se apresenta na obra de Jung quando o mesmo defende que a personalidade não é fragmentada, mas um todo cujas faculdades conscientes e inconscientes se harmonizam ao longo do desenvolvimento, assim sendo, a personalidade para Jung é vista como um todo e não uma soma das partes. Portanto, o homem não luta para se tornar um todo, ele já é, e no decorrer de seu desenvolvimento alcança coerência e harmonia entre suas diversas faculdades conscientes e inconscientes.

Desse modo, o processo psicoterápico não pode desconsiderar o todo em detrimento de um aspecto isolado. Segundo Jung (1981, p. 133): “Realmente é impossível fazer o tratamento da alma e da personalidade humana, isolando umas partes do resto”.

Outro princípio da Psicologia humanista que é possível encontrar na obra de Jung é a ideia de valorização do cliente. A demanda inicial apenas inicia o processo psicoterápico. O prosseguimento do trabalho do psicoterapeuta requer que o mesmo dê ênfase à pessoa que busca o atendimento, não aos sintomas. Sobre este princípio, Jung (1981, p. 64). afirma: “Neste caso, a natureza nos servirá de guia, e a função do médico será muito mais desenvolver os germes criativos existentes dentro do paciente do que propriamente tratá-lo”.

Destaca-se também o princípio da ênfase no positivo. Tal como Carl Rogers, que afirma que o ser humano possui uma tendência para o desenvolvimento positivo quando lhe são proporcionados o ambiente facilitador, Jung apresenta em sua teoria que o processo psicoterápico pode envolver os aspectos positivos do psiquismo humano. Sobre este fato Jung (1981, p. 54), escreve:

Uma atitude mais idealista possibilita a interpretação das coisas de outra maneira. Assim se pode chegar a uma psicologia que também leva em conta o lado positivo. E esta é tão verdadeira quanto a que vê apenas o lado sombrio. Por que não interpretar, sempre que possível, os fatos num sentido correto e positivo? Para muitas pessoas é muito melhor. Em todo o caso, é mais animador do que reduzir tudo unicamente às tendências infantis. Mas aqui também não podemos ser unilaterais (...).

Estes, e vários outros princípios presentes na obra de Jung, demonstram como sua teoria também contribui para o desenvolvimento da Psicologia humanista, assim como para a visão desta em relação ao fenômeno religioso, e o caminho rumo a individuação. Esta última é um dos postulados centrais na obra de Jung e um dos caminhos para construí-la é o desenvolvimento da espiritualidade ou religiosidade.

De acordo com Cavalcanti (2018), a teoria de Jung é significativamente influenciada pela temática da religião. A religiosidade é considerada como um caminho para a realização e a realização é uma das metas da individuação. Conforme afirma Cavalcanti (2018, p. 79): “Para Jung, a religiosidade é o caminho para a realização da personalidade total ou do si mesmo. Uma vez que a realização é também a meta da individuação, a compreensão da relação entre os dois conceitos reveste-se de especial importância”.

Nesse sentido, como já apresentada anteriormente, a visão de Jung sobre o fenômeno religioso é que o mesmo corresponde a uma expressão humana presente na estrutura da personalidade, constituindo-se um fenômeno significativo para o indivíduo e que está para além do aspecto sócio-histórico. Conforme cita Jung (1978, p. 07):

(...) a religião constitui, sem dúvida alguma, uma das expressões mais antigas e universais da alma humana, subentende-se que todo o tipo de psicologia que se ocupa da estrutura psicológica da personalidade humana deve pelo menos constatar que a religião, além de ser

um fenômeno sociológico ou histórico, é também um assunto importante para grande número de indivíduos.

Em sua obra “Psicologia e Religião” publicada em 1978, Jung descreve esta, a religião, como um fenômeno não causado por quaisquer atos impostos pelo humano visto que a manifestação religiosa ocorre independente da vontade deste.

De acordo com Jung (1978, p. 12):

Religião é — como diz o vocábulo latino *religere* — uma *acurada e conscienciosa observação* daquilo que Rudolf Otto acertadamente chamou de “numinoso”, isto é, uma existência ou um efeito dinâmico não causados por um ato arbitrário. Pelo contrário, o efeito se apodera e domina o sujeito humano, mais sua vítima do que seu criador. Qualquer que seja a sua causa, o numinoso constitui uma condição do sujeito, e é independente de sua vontade.

É importante frisar que para Jung a sacralidade de algo não é resultante do efeito numinoso, definido por ele como “(...) a propriedade de um objeto visível, ou o influxo de uma presença invisível, que produzem uma modificação especial na consciência”. (JUNG, 1978, p. 12). Com isso, o psicoterapeuta suíço afirma que algo é sacro por assim o ser em sua constituição, e não por numinosos atribuídos a este. De acordo com o mesmo autor, “ninguém conseguiria forçar a graça divina a estar presente no ato sacramental, mas ela se encontra inevitavelmente presente nele, pois o sacramento é uma instituição divina que Deus não teria estabelecido, se não tivesse a intenção de mantê-la”. (JUNG, 1978, p. 13).

Assim sendo, Jung afirma que a crença religiosa não resulta dos rituais religiosos, uma vez que a sacralidade de um ritual se deve ao sacro inerente a ele, não pela imposição dogmática de uma pessoa, visto que nenhuma crença a algo exterior e objetivamente divina precede o sacro, pois este é puro em si enquanto fenômeno (JUNG, 1978).

A visão de Jung sobre a religião não é restrita a uma profissão de fé específica. Religião para Jung está relacionada a uma atitude do ser humano, qualificada como uma consideração frente àquilo que é investido de um atributo que o torna digno de ser adorado ou amado. Esse psicoterapeuta escreve:

Encaro a religião como uma atitude do espírito humano, atitude que de acordo com o emprego originário do termo: “religio”, poderíamos qualificar a modo de uma *consideração e observação cuidadosas* de certos fatores dinâmicos concebidos como “potências”: espíritos, demônios, deuses, leis, ideias, ideais, ou qualquer outra denominação dada pelo homem a tais fatores; dentro de seu mundo próprio a experiência ter-lhe-ia mostrado suficientemente poderosos, perigosos ou mesmo úteis, para merecerem respeitosa consideração, ou suficientemente grandes, belos e racionais, para serem piedosamente adorados e amados. (JUNG, 1978, p. 13)

É a partir dessa visão de Jung sobre religião, como a postura do indivíduo frente àquilo que lhe passa a ser digno de sacralidade, que se pode entender o fenômeno religioso para além das doutrinas religiosas. Posto isto, a religião coaduna, implica, torna-se, revela-se e se desvela na atitude celestial, angelical, diferencial ou sacra em relação a algo. E por fim, Jung (1978), aludi para os cientistas que buscaram afastar o estudo da religião ou a religião da ciência por acreditarem que a fé e a ciência caminham em lugares opostos, o livro *Pragmatism* (Pragmatismo) de William James (1842-1910), publicado em 1911, onde este autor faz a seguinte afirmativa: “(...) observa que um homem de ciência muitas vezes não tem fé, embora seu ‘temperamento seja religioso’”. (JAMES, 1911, p. 14, APUD JUNG, 1978, p. 13).

2.2 PSICOLOGIA HUMANISTA E RELIGIÃO, CONTRIBUIÇÕES DE PERLS

Outro teórico que contribuiu com o fortalecimento do movimento psicológico foi Friederich Salomon Perls (1893 – 1970), psicoterapeuta e psiquiatra de origem judaica, que, acompanhado de sua esposa Laura Perls, trabalhou no desenvolvimento de uma abordagem psicoterápica que ficou conhecida como gestalt-terapia. Gestalt é uma palavra de origem alemã que pode ser traduzida como “forma total” ou “forma global”.

Na obra “Gestalt-terapia Fundamentos epistemológicos e influências filosóficas”, Frazão e Fukumitsu (2013) apresentam a gestalt-terapia como uma abordagem psicológica surgida em 1951 com a publicação do livro *Gestalt-Therapy* de autoria de Frederick Perls, Ralph Hefferline e Paul Goodman. Em sua obra, Frazão e Fukumitsu (2013, p.11) escrevem:

O ano de 1951 é considerado o marco do surgimento da Gestalt-terapia, com a publicação de “Gestalt-therapy: exci-tement and growth in the human personality”, escrito por Frederick Perls, Paul Goodman e Ralph Hefferline. O livro era fruto de anotações que Perls trouxera da África e também dos debates ocorridos no chamado Grupo dos Sete -composto por Isadore From, Paul Goodman, Paul Weisz, Sylvester Eastman, Elliot Shapiro, Laura Perls e Fritz Perls, tendo Richard Kitzler posteriormente se integrado ao grupo.

Segundo Silva, Baptist e Alvim (2015), a gestalt-terapia não foca no sujeito ou no ambiente, mas no contato, na relação do sujeito-ambiente. Trata-se de uma abordagem que não visa explicar algo referente ao sujeito, mas de ajudar o cliente a se concentrar na experiência presente. Sobre a gestalt-terapia Silva, Baptist e Alvim (2015, p. 193) afirmam:

A Gestalt-terapia considera que o homem e todo organismo vivo está interligado com o resto do mundo; não faz sentido falar do homem isoladamente, mas sim de um homem que vive em um determinado meio que faz parte de sua existência e forma com ele uma totalidade.

Os pressupostos filosóficos da gestalt-terapia vêm do humanismo, da fenomenologia e do existencialismo. O humanismo corresponde a um movimento artista e filosófico, cujas origens remetem ao período de transição entre a Idade Média e o Renascimento. Dentre os fatores desencadeadores deste movimento estão: o surgimento da burguesia que ansiava por participação política na sociedade, o desenvolvimento do absolutismo com a centralização do poder na figura do rei e a queda da hegemonia da igreja e, consequentemente, a mudança do teocentrismo, no qual Deus estava no centro das preocupações humanas, para o antropocentrismo, com o homem como centro das realizações humanas.

O humanismo caracterizou-se como um movimento que, em sentido amplo, colocou o homem no centro, afastando-se dos dogmas da fé como explicação dos fatos do mundo, tal qual ocorreu do início ao fim da Idade Média. Através dos atributos da razão, buscou-se explicar os fenômenos do mundo contemplando os atributos e realizações humanas. Com o distanciamento das questões religiosas dogmáticas, nesse período foi possível realizar novas formas de estudo acerca da arte, ciência e política. Sobre o humanismo, Bezerra e Bezerra assim o definem: “Etimologicamente, significa tudo aquilo que se volta para o humano. O humanismo toma o Homem como foco de qualquer preocupação filosófica; é uma interrogação sobre o ser, que surge desde os filósofos gregos” (BEZERRA; BEZERRA, 2012, p. 24)

Outra fonte teórica que subsidiou a abordagem da gestalt-terapia foi a fenomenologia que, como já mencionada anteriormente, é conceituada por Edmund Husserl (1859-1938) como o estudo dos fenômenos e de como eles se manifestam no tempo e no espaço. A fenomenologia consiste no estudo da essência das coisas e como estas são percebidas no mundo.

É importante frisar que Husserl tinha a preocupação em estruturar uma fundamentação segura para o conhecimento. Além disso, ele não via nos trabalhos de Descartes e Kant essa fundamentação necessária. O caminho percorrido por Husserl foi propor uma atitude crítica radical para a filosofia.

Assim, entende-se o modelo de compreensão e descrição dos fenômenos como uma das maiores contribuições da fenomenologia para a ciência. Ao invés do modelo de análise causal, utilizado pelas ciências naturais, seria possível a análise do objeto pelas impressões que o indivíduo teria dele. Sobre a atitude fenomenológica, Sá (2005, p. 319) afirma:

Ora, trata-se de uma atitude ingênua, já que supõe gratuitamente uma natureza em si, da qual não é possível ter experiência alguma. Contrariamente, à "atitude fenomenológica", ou filosófica no sentido próprio, deve ater-se apenas aquilo que se dá à experiência, tal como se dá: o que chamamos de fenômeno.

Já a contribuição do existencialismo para a gestalt-terapia se deve ao fato de o existencialismo corresponder a uma corrente filosófica fortemente influenciada por Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855), que analisa o homem a partir de sua existência e relações que estabelece com o outro. Desenvolvida entre os anos de 1918 a 1945, o existencialismo possui Jean-Paul Sartre (1905-1980), como seu principal desenvolvedor teórico.

É importante frisar que Sartre é fortemente influenciado por Husserl e Martin Heidegger (1889-1976), elaborando uma ontologia e uma antropologia existencialistas. Os pensamentos desses estudiosos ajudaram a desenvolver um dos principais pressupostos teóricos existencialismo: a ideia de que os seres humanos existem primeiramente e depois cada indivíduo passa a sua vida mudando a sua essência ou natureza. Esse pressuposto é descrito por Sá (2005, p. 324) nos seguintes termos:

No caso do homem, o existencialismo postula que a existência precede a essência. Por isso, só ele, ao contrário dos outros entes, não está predeterminado quanto ao seu sentido, só ele é livre. A distinção entre o “em-si” e o “para-si” possui analogia com a diferença que o existencialismo estabelece entre “ser” e “existir”: só o homem existe, enquanto a folha de papel é.

Outro fato a ser destacado é que a proposta do existencialismo visa a análise do indivíduo, não o dividindo em aspectos internos e externos, como mente e corpo, mas vendo-o como um todo. Assim, o existencialismo não defende a ideia de um ser humano que simplesmente reage a forças do seu inconsciente, mas de um ser humano que deve ser visto como um todo integrado, o qual atribui sentido ao que experimenta e é influenciado por este sentido. De acordo com Lessa (2020, p.30): “Esse é o pressuposto fundamental de Heidegger e da Psicologia negativa. Não há nenhum psiquismo. Não há nenhuma interioridade. Não há nenhum corpo biológico, por mais que seja possível uma abordagem biológica do corpo”.

Ainda no tocante à gestalt-terapia, destaca-se também seus pressupostos teóricos que são: A psicologia da Gestalt, Teoria Organísmica, Teoria holística e Teoria de Campo. A Psicologia da Gestalt corresponde a uma corrente da Psicologia que se concentra no estudo da percepção do indivíduo, de modo a compreender como este indivíduo percebe o mundo como um todo, não apenas como a soma das partes.

Para os gestaltistas, o modo como o mundo é percebido pelo indivíduo revela muito de sua pessoa. De acordo com Kiyan (2006, p. 146): “Nessa abordagem, a existência humana é definida segundo a relação campo-organismo-meio, sendo impossível conceber o ser humano fora do contexto e do meio no qual ele está inserido, e das relações que estabelece a partir daí”.

A teoria orgânica, ainda segundo Kiyan (2006), foi desenvolvida a partir dos estudos do neurofisiologista Kurt Goldstein (1878 – 1975). Corresponde a ideia de que o indivíduo deve ser compreendido como um todo, pois o que o atinge o afeta em sua totalidade. Referindo-se aos estudos de Goldstein, Kiyan (2006, p 124) afirma: “Desse modo, passou a afirmar que o organismo era uma só unidade e que o que ocorria em uma parte afetava o todo. Fica claro, portanto, a premissa de indivisibilidade do homem, assim como da relação estabelecida entre o todo e as partes”.

De acordo com Kiyan (2006), a teoria holística foi desenvolvida a partir dos estudos de Jan Christian Smuts (1870-1950), o qual cria o termo “holismo” a partir da palavra grega “Holo” que significa “todo”, “totalidade”. O termo foi utilizado pela primeira vez na publicação da obra “*Holismo and evolution*” de 1926.

O holismo corresponde a uma forma de ver o mundo e a todos os seres de um modo integrado e interligado. Desse modo, todos os seres humanos estariam interligados entre si e com as demais seres do ambiente. O holismo seria uma característica do universo. Nesse sentido, Kiyan (2006, p 126) afirma: “Smuts formulou sua teoria e publicou-a em 1926; seu postulado básico era de que o Universo, e especialmente a natureza viva, se constitui de unidades que formam todos (como organismos vivos) que são mais do que a simples soma de suas partículas elementares”.

No que se refere ao indivíduo, a teoria holística considera que as pessoas, assim como tudo no universo, estão em constante evolução e que forças internas e externas contribuem para que esse processo se efetue. Sobre este fato Kiyan (2006, p 126) afirma:

Existem possibilidades de atuação e interação que podem vir de diferentes níveis orgânicos, como o físico, o emocional ou o mental; mas segundo essa doutrina não é possível separar nenhuma dessas partes para observá-las sem que se perca o sentido global do que está acontecendo e a compreensão do todo.

Por fim, a teoria de campo, desenvolvida por Kurt Lewin (1890-1947) que desenvolve sua teoria afirmando que o comportamento humano é resultante do indivíduo e do ambiente. Segundo esta teoria, o indivíduo não seria simplesmente resultante dos eventos passados, ou expectativas futuras, mas da interação que estabelece com o ambiente, ou com o “campo” no qual está inserido.

Uma vez que o indivíduo é o resultado de suas interações com o ambiente, a compreensão do mesmo requer uma visão do todo, incluindo seu contexto de vida. Sobre este fato, Kiyan (2006, p 120) afirma: “Para a Gestalt-terapia, o meio onde o indivíduo está inserido é fundamental para sua compreensão; não é possível saber de que pessoa falamos sem olhar para o todo que compõe sua existência, do qual faz parte também o mundo que o cerca”.

A compreensão dos pressupostos teóricos da Gestalt-terapia possibilita o entendimento da visão de homem como um ser em relação com o meio. Para Pinto (2009, 2016), o homem não pode ser concebido sem estar em relação consigo, com o outro e com o ambiente, assim como deve buscar a liberdade no convívio com o destino. De acordo com Pinto (2009, 2016, p. 6):

A Gestalt-terapia tem também como valor relevante o fato de que o ser humano é fundamentalmente um ser de relação, um ser que não pode sequer ser concebido se não em relação consigo, com o outro e com o ambiente. É também importante para a abordagem gestáltica a busca humana pela liberdade no convívio com o destino, uma busca que se baseia no potencial criativo e realizador de cada pessoa em sua sempre inacabada tarefa de ser.

O destino é compreendido por Pinto (2009, 2016) como tudo que sucede ao indivíduo a partir de sua interação com o ambiente. A liberdade por ele referida é explicada a partir do pensamento de Rollo May (1987), que corresponde à capacidade do ser humano em atribuir sentido a que lhe sucede. Sobre este fato Pinto (2009, 2016, p. 6, 7) explica:

Comentando sobre um seu cliente, Rollo May afirma que quando este cliente pôde compreender seu destino como uma série dada e inalterada de eventos, os quais, por mais dolorosos que sejam, precisam ser reconhecidos e aceitos, foi capaz de experimentar o alívio de alguém que de escravo se tornou livre, [...] (PINTO, 2009, 2016, p. 6, 7)

Sobre esta capacidade de atribuição de sentido, é importante destacar que para a Gestalt-terapia a religião é um fator que está relacionado com a definição de sentido para vida. De acordo com Pinto (2009, 2016, p. 11):

No que diz respeito à psicologia fenomenológica e à questão sobre como poderíamos caracterizar um olhar fenomenológico e gestáltico para a religião, talvez as melhores indicações de caminhos possam ser encontradas na busca humana de sentido para a vida, uma busca que está nos fundamentos de toda religião e de toda espiritualidade.

Uma vez que o homem se define na sua interação com o meio, necessitando de liberdade para atribuição de sentido, é quando o mesmo aceita a relação com o sagrado que passa a ser responsável por sua história. Esta forma de descrever a relação do indivíduo com a religião é explicada por Pinto (2009, 2016) através do mito edipiano.

Este mito se refere à história de Édipo. Uma vez que soube que foi responsável pela morte de seu pai e pelo suicídio de sua mãe, Édipo, em lugar de implorar perdão aos deuses, tira a própria visão e sai para o exílio. Após anos vagando como andarilho, Édipo torna-se sábio e roga aos deuses a possibilidade de viver em um lugar de refúgio. Assim, ele entra no mundo dos mortos sem a necessidade do perdão dos deuses.

A história de Édipo mostra como o ser humano pode tornar-se protagonista de sua própria história a partir do momento que decide não abrir mão de sua liberdade de escolha. Para a Gestalt-terapia, a religião não tira a liberdade de escolha do indivíduo, mas, na sua atribuição de sentido, o indivíduo perpassa pelo sagrado uma vez que a espiritualidade e a religião são características inatas dos indivíduos. Esta visão de como a religião se harmoniza com a visão de homem para a Gestalt-terapia é descrita por Pinto (2009, 2016, p.14) da seguinte forma:

Sintetizando, creio ter deixado claro que se o homem é um ser de sentidos, um tecelão de sentidos na história, a mim me parece óbvio, então, que este homem de que se fala é religioso. Não porque a busca de sentidos seja feita apenas religiosamente, e sim porque, ao se buscar os sentidos da existência e de algumas experiências dessa existência, inevitavelmente se atravessa o terreno do sagrado, o terreno da religião.

Ainda sobre esta visão da Gestalt-terapia sobre o sagrado e do modo como o homem é capaz de lidar com o mesmo, Pinto (2009, 2016, p.15) afirma:

Na visão da Gestalt-terapia o poder do ser humano não é um poder de estar além do sagrado, mas, antes, um poder para lidar com o sagrado sem perder sua liberdade mais íntima. É o poder para ser co-responsável pelo seu destino, é o poder para relacionar-se com o mistério sem abdicar de seu próprio poder para ser.

Desse modo, o sagrado, para a Gestalt-terapia, faz parte do campo onde este indivíduo está inserido, influenciando o sentido que ele atribui a si, ao mundo e a sua existência. Como bem pontua Pinto (2009, 2016, p.15): “Entendo que o sagrado é parte do campo, é um processo no campo, um processo ‘concreto’ que influencia e permeia os significados que cada pessoa dá a si, ao mundo, à sua existência e à vida”.

2.3 PSICOLOGIA HUMANISTA E RELIGIÃO, CONTRIBUIÇÕES DE FRANKL

Viktor Emil Frankl (1905-1997), fundador da Logoterapia, uma abordagem psicoterápica que, em linhas gerais, foca na ideia de que os seres humanos são motivados pela busca do significado pela vida, sendo este um dos teóricos que também muito contribuiu para o fortalecimento do movimento intitulado como Psicologia humanista.

A contribuição de Viktor Frankl para a Psicologia humanista, como relatada anteriormente, foi o desenvolvimento da logoterapia. Em linhas gerais, a logoterapia corresponde a uma abordagem psicológica que foca na busca do sentido para o cumprimento do propósito de existência.

De acordo com o neuropsiquiatra austríaco, a logoterapia é uma psicoterapia que parte do princípio de que toda vida possui um propósito a ser cumprido. Desse modo, o processo psicoterápico

objetiva trabalhar a partir deste propósito de existência que todo indivíduo possui, não considerando o homem como produto do tempo ou do acaso. Em sua obra “Um sentido para vida: psicoterapia e humanismo”, Frankl (2005, p.17) assim descreva a logoterapia:

Uma tradução literal do termo “logoterapia” é a “terapia através do sentido”. Naturalmente poderia ser traduzido também como “cura através do significado”. Mas isso implica num tom religioso alto demais que não está necessariamente presente na Logoterapia. Em todo o caso, a logoterapia é uma (psico)terapia centrada no sentido.

Nos anos de 1942 a 1945, Viktor Frankl sobrevive a quatro campos de concentração nazista. Esta experiência é descrita por ele como “Experimentum crucios” e foi, nas palavras de Andrade (2015, p.24), “(...) fundamental para a estruturação e difusão do pensamento Frankliano”. Assim, a logoterapia surge como uma alternativa às abordagens psicoterápicas vigentes que definem o homem sem considerar aspectos que lhe são essenciais e propõe uma psicoterapia, em sua essência, humanista. Segundo Andrade (2015, p.24):

A logoterapia, como uma alternativa às psicoterapias vigentes, traz, então, a proposta de ser uma psicologia humanista, termo esse levado a fundo, pois manifesta justamente a proposta central levantada por Frankl, quando reivindica a necessidade de humanização da psicoterapia.

Outro aspecto a ser destacado com relação a logoterapia corresponde a visão de homem. Fortemente influenciado pelos pensamentos de Max Ferdinand Scheler (1874-1928) e por outros importantes teóricos como Martin Heidegger (1889-1976), Martin Mordechai Buber (1878-1965) e Karl Theodor Jasper (1883-1969), Viktor Frankl desenvolve sua concepção de homem como um ser corpóreo-psíquico-espiritual. Assim, para Viktor Frankl, o homem é composto por uma dimensão somática, que corresponderia à biológica; uma dimensão psíquica, referente ao inconsciente, às pulsões e aos comportamentos condicionados e, por fim, a uma dimensão espiritual ou noética, que, como mencionado anteriormente, seria a dimensão livre dos condicionamentos sociais, biológico ou psicológicos. Esta visão de homem, na visão de Viktor Frankl, é descrita por Andrade (2017-2018, p.26), da seguinte forma: “Para Frankl (2012) o homem é uma unidade corpóreo-psíquico-espiritual, isto é, um ser tridimensional. Essa tríade bio-psíquico-espiritual torna-se para a logoterapia um ponto de base para a fundamentação de sua concepção antropológica”.

A retomada da visão de homem para a logoterapia se faz necessário para a compreensão da espiritualidade como aspecto que distingue o homem dos outros seres vivos. Isso se deve ao fato de a espiritualidade possibilitar ao homem transcender seus aspectos biológicos, pulsionais e sociais e este

poder usufruir de uma liberdade com responsabilidade. Andrade (2017-2018, p.26) esclarece esse fato afirmando:

O polo espiritual, isto é, a peculiaridade própria do ser homem, representa a capacidade de afastar-se de todo condição anímica, natural, determinada por instintos e pulsões. Desse modo, o homem, capaz de se autodistanciar da natureza, bem como de objetivar a mesma, objetivando, inclusive, sua própria condição natural, torna para si um caráter de liberdade infinitamente possível.

Assim, comprehende-se a logoterapia como uma abordagem da clínica psicológica que foca na busca do sentido como principal fonte motivadora do indivíduo. Também, a logoterapia considera que o ser humano possui na dimensão espiritual seu aspecto que o distingue dos demais seres vivos. Uma vez que a religião é uma forma de expressão da espiritualidade humana, a logoterapia comprehende a religiosidade como um fator que influencia de modo positivo na busca do sentido.

No que diz respeito à relação da religião e a busca do sentido, é importante frisar que, embora Viktor Frankl reconheça a religiosidade como uma busca do sentido, essa busca pelo sentido não limita a religiosidade à crenças confessionais. No livro “A busca de Deus e questionamentos sobre o sentido”, o Dr. Alexander Batthyany, descrevendo esta obra baseada em um diálogo entre Viktor Frankl e o filósofo Pinchas Lapide (1922-1977) em 1984, em Viena, diz: “Porque para Frankl a religiosidade é a expressão da busca humana pelo sentido e como expressão da busca de sentido é também tão pouco redutível e discutível como a própria busca de sentido”. (BATTHYANY, 2013, p. 43)

Desse modo, Viktor Frankl não intenciona uma análise exaustiva no que diz respeito ao fenômeno religioso. Ele aceita a religiosidade do ser humano como uma expressão real de sua fé e que a mesma está relacionada a sua busca de sentido. Mais uma vez descrevendo este fato sobre o pensamento de Viktor Frankl, o Dr. Alexander Batthyany (2013, p. 41, 42) considera: “Deste modo o modelo psicológico de Frankl aceita a religiosidade e a fé do homem em sua autenticidade – e suficientemente a sério, para rejeitar a pretensão de querer explicar psicologicamente a religião de forma completa e definitiva”.

Em sua obra “Em busca de sentido”, Frankl (1991) relata sua experiência nos campos de concentração nazistas. Suas observações o ajudaram a formular a sua teoria de que o ser humano é capaz de suportar as maiores adversidades quando faz uso de sua liberdade de escolha de sentido.

Andrade (2017) escreve em seu artigo “Viktor Frankl: o sentido da Logoterapia e sua atualidade contextual”, publicado na revista “Psicólogo informação”, que a logoterapia se trata de uma linha psicoterápica que vai trabalhar o sentido que o indivíduo atribui à vida e ao que realiza, como meio de auxiliá-lo no fortalecimento de sua principal fonte de motivação. Assim, para Andrade (2017, p. 105):

Um conceito central para esta teoria é o de “sentido da vida”, que não está no indivíduo, e por essa razão precisa ser sempre procurado na relação com o mundo. O ser humano é um ser em construção permanente, ou seja, ele interage com a sua vida, buscando um sentido para sua existência.

Segundo Frankl (2017, p.110): “(...) religião poderia muito bem ser definida como um sistema de símbolos, sejam símbolos para algo que não pode mais ser apreendido mediante conceitos e depois ser expresso em palavras”. A religião, para este autor, pode ser comparada com um sistema simbólico tais como um idioma.

Uma vez que os idiomas são diversificados e não podem se sobrepor a outros, do mesmo modo uma religião não possui o direito de definir-se como a verdadeira, pois são modos diferentes de expressão. De acordo com Frankl (2017, p.111):

Ao relacionarmos dessa maneira a religião com o idioma, devemos lembrar também que ninguém tem o direito de considerar sua língua materna como um idioma superior a todos os outros, pois em qualquer idioma o ser humano pode se aproximar da verdade, daquela única verdade, assim como em qualquer idioma pode errar ou até mentir.

Assim sendo, Frankl (2017) pensa cada religião como sendo um sistema simbólico que deve respeitar o modo de expressar doutra, não baseando seu entendimento sobre a religião nos dogmas confessionais, pois entende o fenômeno religioso como uma amplitude que transcende as limitações e objetivos das mais diversas confissões religiosas.

Frankl (2017, p.111-112) escreve:

Precisamos admitir que nossa concepção de religião, no sentido mais amplo da palavra, tem muito pouco a ver com mesquinhos confessionais e sua consequência, a miopia religiosa, as quais aparentemente veem em Deus um Ser cujo único objetivo é conseguir que o maior número possível de pessoas acredite nele, exatamente dentro das prescrições de determinada seita.

A partir desta retomada de compreensão sobre o fenômeno religioso com base nos teóricos que fundamentam a denominada Psicologia humanista, verifica-se que é característica do fenômeno religioso, da religião, a manifestação de fenômenos psíquicos que colocam o ser humano frente ao sacro, em contato, portanto, com o espiritual e o formativo. O espiritual, para Frankl, refere-se ao noético, palavra que etimologicamente remete ao grego “*noétikos*”, que significa “racional”, e do grego “*nuos*”, significando “mente”, “espírito”. Esta concepção de noético é utilizada por Santos (2016) para compreensão do ser humano a partir da visão da Logoterapia. Destarte, “(...) soma-se a isso a existência de outra dimensão, chamada de **noética** ou espiritual, pois noética vem do grego ***nous***, espírito”. (SANTOS, 2016, p. 131).

Desse modo, noético corresponde a uma das dimensões do ser humano, definido como um ser dotado das dimensões biopsicossocial, mas que possui a dimensão noética ou espiritual que o distingue dos animais não transcendentais. Segundo Moreira e Holanda (2010, p.352):

A humanidade e a animalidade são constituídas pelas dimensões biológica, psicológica e social, todavia, o homem difere dos animais por possuir também a dimensão noética. Apesar das três dimensões, a essência da existência do homem reside na dimensão espiritual. Sendo assim, a existência propriamente humana é existência espiritual.

Segundo Viktor Frankl (1993) a dimensão noética não é definida como religião em si, uma vez que a religião seria apenas a expressão noética, como bem esclarecem Moreira e Holanda (2010, p. 352):

O termo “espiritual”, em Frankl, não tem conotação essencialmente religiosa. Ela é a melhor tradução do original alemão *geist* que se refere ao noológico. Ademais, a dimensão espiritual é compreendida, fundamentalmente, como a dimensão da vivência da liberdade e da responsabilidade.

De acordo com Moreira e Holanda (2010), para Frankl a dimensão noética é indeterminada, mas ao mesmo tempo determinante, da identidade mais essencial do ser humano, que o impulsiona a busca pelo melhor de si. Esta seria a dimensão da vivência da liberdade e responsabilidade.

3 METODOLOGIA

A pesquisa adota uma **abordagem qualitativa**, voltada à compreensão **dos sentidos e significados** atribuídos ao fenômeno estudado. Segundo Creswell (2010) e Stake (2011), esse tipo de investigação permite que o pesquisador atue como instrumento principal, interpretando subjetivamente ações e contextos com base em sua própria experiência. Quanto à **finalidade**, trata-se de uma **pesquisa básica pura**, cujo propósito é ampliar o conhecimento teórico sobre o tema, contribuindo para o avanço científico sem visar aplicação imediata (GIL, 2008; SILVEIRA, 2011). O **objetivo** é **exploratório**, buscando levantar informações e aprofundar a compreensão do objeto de estudo (PRODANOV; FREITAS, 2013). Para tanto, empregou-se o **procedimento bibliográfico**, caracterizado pela coleta e análise de materiais publicados em fontes acadêmicas — livros, artigos, dissertações, teses e e-books. Os **instrumentos de coleta de dados** incluíram publicações em português, espanhol e inglês, obtidas nas plataformas **SciELO** e **PePSIC**, além de livros e periódicos impressos. As **palavras-chave** utilizadas foram *Psicologia humanista, Clínica Humanista e Religião*. Os **critérios de inclusão** abrangeram obras indexadas e textos científicos pertinentes ao tema, enquanto os **de exclusão** eliminaram produções em outros idiomas e materiais sem relação direta com

o objeto investigado. Por fim, **não houve delimitação temporal**, buscando-se compreender a historicidade e as conexões entre os autores estudados, reforçando o caráter exploratório e teórico da pesquisa.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A análise dos dados, conduzida sob atitude fenomenológica e com base bibliográfica, evidencia a presença de um núcleo comum entre Jung, a Gestalt-terapia e Frankl: a centralidade da experiência vivida e a compreensão do humano como totalidade orientada a sentido. Ao descrever a religião/espiritualidade como dimensão legítima da existência, os três referenciais fornecem chaves distintas e complementares para interpretar materiais clínicos em que o sagrado emerge como conteúdo de sofrimento, recurso de enfrentamento ou horizonte de valor.

Em Jung, a religiosidade aparece como expressão universal da psique e como via de integração simbólica no processo de individuação. A recorrência do numinoso nos textos analisados sustenta a interpretação de que fenômenos religiosos não se reduzem a crenças proposicionais, mas se apresentam como experiências que “tomam” o sujeito, reconfigurando afetos e significados. Nos dados teóricos, a cura não é transformação forçada da personalidade, mas movimento de tornar-se quem se é: integrar consciente e inconsciente, acolher ambivalências e simbolizar conflitos. Clinicamente, isso implica tratar conteúdos religiosos (sonhos, imagens, ritos) como material simbólico que pode favorecer coesão do self, desde que trabalhado com rigor descritivo e sem proselitismo. O risco metodológico aqui é a superinterpretação; a mitigação é manter a redução fenomenológica e checar sentidos com o cliente.

Nos textos da Gestalt-terapia, a religião é lida como processo do campo organismo-meio que atravessa a fronteira de contato. O dado recorrente é que experiências ditas “espirituais” modulam awareness, responsabilidade e liberdade, ampliando ou restringindo possibilidades de ação. A análise aponta que, quando a vivência religiosa é explorada no aqui-agora (no tom de voz, na postura corporal, nas interrupções de contato), ela pode converter-se em oportunidade de autoria: o cliente reconhece escolhas, limites e necessidades, em vez de delegá-las a instâncias externas. O perigo, neste enquadre, é um ativismo experiencial des ancorado de valor; evita-se isso articulando a experimentação à elucidação do significado que o sagrado tem no campo do cliente.

No corpus frankliano, a religiosidade opera como “idioma simbólico” da busca de sentido, ancorada na antropologia somático-psíquico-noética. Os dados convergem em mostrar que a dimensão noética confere ao sujeito capacidade de autodistanciamento e responsabilidade mesmo sob sofrimento extremo. Clinicamente, técnicas como clarificação de valores, dereflexão e intenção paradoxal

aparecem como mediações para reorientar a ação em direção a bens escolhidos livremente. O risco é uma intelectualização do sentido; previne-se isso mantendo a ancoragem na experiência concreta e na avaliação existencial de alternativas reais do cliente.

Comparando os três eixos, emergem padrões robustos. Primeiro, um holismo valorativo: pessoa não é soma de partes, mas unidade em direção — individuação (Jung), contato autêntico (Gestalt) e realização de valores (Frankl). Segundo, a espiritualidade, quando abordada fenomenologicamente, tende a funcionar como mediador de integração psíquica, de responsabilização e de esperança pragmática. Terceiro, método importa: a qualidade da descrição (epoché/awareness) antecede explicações causais; a clínica avança quando o terapeuta sustenta campo de investigação compartilhada, não de catequese.

Os dados também revelam tensões fecundas. O lócus do sagrado varia: intrapsíquico/arquetípico em Jung, relacional-situacional na Gestalt, e noético-axiológico em Frankl. Essa diferenciação não é obstáculo, mas oferece lentes complementares para casos distintos: em quadros marcados por fragmentação simbólica, a chave junguiana pode favorecer integração; quando há empobrecimento de contato e evitação, a chave gestáltica reabre fronteiras; em situações de vazio e desorientação ética, a chave frankiana reordena hierarquias de valor e projeto de vida. A análise indica que a articulação dessas lentes, guiada pela pergunta fenomenológica “o que isso é para este cliente, agora?”, aumenta a potência explicativa e interventiva sem dissolver coerências internas de cada referencial.

Eticamente, os dados convergem na necessidade de respeitar pluralidade religiosa, delimitar papéis e documentar a trilha fenomenológica de decisão clínica. Em síntese, a análise bibliográfica indica que integrar vivências religiosas/espirituais em um enquadre humanista-fenomenológico é epistemologicamente consistente e clinicamente frutífero, pois amplia a escuta de valores, sustenta processos de congruência e fortalece a autoria do cliente, preservando a responsabilidade científica do psicólogo e a liberdade existencial de quem busca cuidado.

5 CONCLUSÃO

Conclui-se que Jung, Perls e Frankl, embora partam de referenciais distintos, convergem em uma visão **humanista, integradora e fenomenológica** do ser humano. Em todos, a **religiosidade e a espiritualidade** emergem como dimensões legítimas da experiência, associadas à **busca de sentido, à integração da personalidade e à autoria existencial**. A Psicologia Humanista, ao incorporar tais perspectivas, mostra-se capaz de **dialogar com o sagrado** sem reduzi-lo a crenças dogmáticas, tratando-o como fenômeno vívido que pode favorecer processos de **cura, congruência e realização**.

pessoal. Assim, o estudo reafirma que a inclusão da dimensão espiritual na clínica humanista é **epistemologicamente coerente e clinicamente enriquecedora**, ampliando a compreensão da pessoa em sua totalidade e promovendo intervenções mais profundas e humanizadas.

REFERÊNCIAS

AEDO, Edgardo Riveros. La psicología humanista: sus orígenes y su significado en el mundo de la psicoterapia a medio siglo de existencia. Universidad Adolfo Ibáñez. Ed. Ajayu, ISSN 2077-2161, pág. 135-186, 2014. Disponible em:<<http://www.scielo.org.bo/pdf/rap/v12n2/v12n2a1.pdf>>. Acesso em: 20 de nov. 2022.

ANDRADE, Cristiano de J. Viktor Frankl: o sentido da Logoterapia e sua atualidade contextual. Psicólogo informação, ano 21-22, n. 21-22, jan./dez. 2017-2018. Disponível em:<<https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/PINFOR/article/view/9178>>. Acesso em: 23 mai. 2023.

ANDRADE, Rafael. R. A logoterapia como uma proposta peculiar de psicologia humanista. Logos e Existência: revista da Associação Brasileira de Logoterapia e Análise Existencial. v.4, n.1, pág. 23-35, abr. 2015.

AMADOR, César Roberto A. O sonho de um rebelde: Reflexões em torno da herança religiosa de Carl Rogers. Buenos Aires: ed. Kairos Ediciones, 1999. Disponível em:<<https://encontroacp.com.br/textos/o-sonho-de-um-rebelde-reflexoes-em-torno-da-heranca-religiosa-de-carl-rogers/>>. Acesso em: 03 de março de 2022.

BATHYANY, Alexander. A Busca de Deus e Questionamento Sobre o Sentido. In: FRANKL, Viktor E.; LAPIDE, Pinchas. A Busca de Deus e Questionamento Sobre o Sentido. Tradução: Márcia Neumann. Petrópolis: Editora Vozes, pag. 37-52, 2013.

BEZERRA, Márcia Elena Soares; BEZERRA, Edson do nascimento. Aspectos humanistas, existenciais e fenomenológicos presentes na abordagem centrada na pessoa. Rev. NUFEN [online]. v.4, n.2, julho-dezembro, 2012, pag. 21-36, 2012. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S217525912012000200004&script=sci_abstract>. Acesso em: 23 mai. 2023.

BOAINAIM, Elias. Tornar-se Transpessoal: Transcendência e Espiritualidade na obra de Carl Rogers. Summus Editorial, p. 23-40, 1998.

BRANCO, Paulo C. C; SILVA, Luis X. de B. Psicología Humanista de Abraham Maslow: Recepção e Circulação no Brasil. Revista da Abordagem Gestáltica: Phenomenological Studies. v. XXIII, n.2, pág 189-199, mai-ago. 2017. Disponível em:<<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=357752154007>>. Acesso em: 15 nov. 2022.

CARPINTERO, H.; MAYOR, L.; ZALBIDEA, M. A. Condiciones del surgimiento y desarrollo de la Psicología Humanista. Revista de Filosofía. v.3, p. 71-82, 1990. Disponível em:<<https://revistas.ucm.es/index.php/RESF/article/view/RESF9090120071A>>. Acesso em: 17 out. 2022.

CARPINTERO, H; MAYOR, L; ZALBIDEA, M. A. Condiciones del surgimiento y desarrollo de la Psicología Humanista. Revista de Filosofía. 3^a época, v. III, n. 3, Editorial Complutense. Madrid, pág 71-82, 1990. Disponível em:<<https://revistas.ucm.es/index.php/RESF/article/view/RESF9090120071A>>. Acesso em: 10 dez. 2022.

CASTAÑON, G. A. Psicologia humanista: a história de um dilema epistemológico. Memorandum: Memória E História Em Psicologia. [S. l.]. v.12, p.105-124. abr. 2007.

Disponível em: <<http://www.fafich.ufmg.br/~memorandum/a12/castanon01.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2022.

CAVALVANTI, Albérico Cony. Saúde mental numa perspectiva humanista: congruências entre Jung e Rogers. Revista Saúde Viva Multidisciplinar da AJES, v. 1, n. 1, p. 1 - 156, Ago./Dez, 2018.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Código de Ética Profissional dos Psicólogos. Brasília, 2014.

DAMATTA, Roberto. Relativizando: uma introdução à antropologia social. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

FERNANDES, Henrique de Oliveira. Espiritualidade na psicologia de Abraham H. Maslow. Rio de Janeiro: FSB/RJ, 2012.

FINKLER, P. Por que sou psicólogo humanista? UFRS. Porto Alegre. RS. 2005.

FRAZÃO, Lilian Meyer; FUKUMITSU, Karina Okajima Gestalt-terapia: fundamentos epistemológicos e influência filosóficas. São Paulo: Summus Editora, 2013.

FRANKL, Viktor E. A presença ignorada de Deus. Traduzido por Walter O. Schlupp e Helga H. Reinhold. 18. ed. rev. - São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2017.

FRANKL, Viktor E. Um Sentido Para a Vida. Psicoterapia e Humanismo. Tradução Victor Hugo S. Lapenta. 14. ed. Aparecida: Ideias e Letras, 2005

GIL, Antonio C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008.

GOTO, Tomy A. Introdução à psicologia fenomenológica: A nova psicologia de Edmund Husserl. São Paulo: Paulus, 2008.

GOTO, Tomy A. O fenômeno religioso: a fenomenologia em Paul Tillich. São Paulo: Paulus, 2004.

HIERARQUIA DE NECESSIDADES DE MASLOW. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2023. Disponível em:
<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Hierarquia_de_necessidades_de_Maslow&oldid=65401296>. Acesso em: 5 out. 2023.

HOLANDA, Adriano F. Fenomenologia e psicologia da religião no Brasil: fundamentos, desafios e perspectivas. Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 9, n. 1, 131-151, jan./abr. 2017. Disponível em:<<http://dx.doi.org/10.7213/2175-1838.09.001.DS06>>. Acesso em: 17 set. 2022

HUSSERL, Edmund. A crise da humanidade européia e a filosofia. Introd. e trad. Urbano Zilles. – 2 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

JUNG, Carl G. Psicologia e religião. Petrópolis: Vozes, 1978.

JUNG, Carl G. A prática da psicoterapia. Petrópolis: Vozes, 1981. (Obra completa de C. G. Jung v. XVI/1).

JUSTO, Irmão Henrique. Carl Gustav Jung (1875-1961): prenunciador do humanismo em psicologia. APACP- Associação Paulista da ACP: Abordagem Centrada na Pessoa. Apresentado no VI Fórum Brasileiro da Abordagem Centrada na Pessoa – Canela RS – 9 a 15/10/2005. Disponível em:<<https://apacporgbr.wordpress.com/diversos/artigos/carl-gustav-jung-1875-1961-prenunciador-do-humanismo-em-psicologia-irmao-henrique-justo/>>. Acesso em: 07 Març. 2023

KIYAN, Ana Maria Mezzarana. E a Gestalt emerge: Vida e Obra de Frederick Perls. São Paulo: Editora Altana, 2006.

LESSA, Jadir M. Análise Existencial: Princípios Fundamentais 1. ed. – São Luís: EDUFMA, 2020.

MASLOW, Abraham H. Introdução à Psicologia do Ser. Tradução de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, s.d. (Originalmente publicado em 1962)

MASLOW, Abraham H. Religions, values and peak-experiences. USA: Penguin Compass, 1964-1994.

MENDONÇA, Antônio G. Fenomenologia da Experiência Religiosa. *Numen: revista de estudos e pesquisa da religião*. Juiz de Fora, v. 2, n. 2, Jul/dez. pág. 65-89, 1999.
Disponível em: <<https://periodicos.ufjf.br/index.php/numen/article/view/21737>>. Acesso em: 18 mai. 2023

MOREIRA, Neir; HOLANDA, Adriano. Logoterapia e o sentido do sofrimento: convergências nas dimensões espiritual e religiosa. *Psico-USF*, v. 15, n. 3, pág. 345-356, set/dez. 2010. Disponível em:<<https://doi.org/10.1590/S1413-82712010000300008>>. Acesso em: 12 jan. 2023.

PIAZZA, Waldomiro O. Introdução à fenomenologia religiosa. 2 ed. Vozes: Petrópolis, 1983.

PINTO, Énio B. A religião e a espiritualidade na psicoterapia gestáltica. In: PINTO, Énio B. (org.). Gestalt-terapia: Encontros. São Paulo – SP: Instituto Gestalt de São Paulo, pag. 194-226, 2009-2016.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E.C. de. Metodologia do trabalho científico [recurso eletrônico]: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. – Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROGERS, Carl R. Tornar-se Pessoa. São Paulo. Editora Martins Fontes; 2002.

ROGERS, Carl R. Um Jeito de Ser. São Paulo: EPU, 1987.

SÁ, Roberto Novaes de. As influências da fenomenologia e do existencialismo na psicologia, In: JACÓ-VILELA, A. M.; FERREIRA, A. A. L.; PORTUGAL, F. T. (org.). História da psicologia: rumos e percursos. Rio de Janeiro: Nau Ed., 2006.

SANTOS, David Moises B. dos. Logoterapia: compreendendo a teoria através de mapa de conceitos. Arquivos Brasileiros de Psicologia; Rio de Janeiro, v.68, n. 2, pág. 128-142, 2016.
Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v68n2/v68n2a11.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2023.

SILVA, T. C. D. da; BAPTISTA, C. S.; ALVIM, M. B.. O Contato na Situação Contemporânea: um Olhar da Clínica da Gestalt-Terapia. *Revista da Abordagem Gestáltica - Phenomenological Studies* - v. 21, n. 2, pág. 193-201, 2015. Disponível em:<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1809-68672015000200008>. Acesso em: 12 fev. 2023.

SCHÜNEMANN, Haller E.S. Psicologia e Religião: possibilidades de Interação. *Revista do Departamento de teologia da Puc*, Rio de Janeiro, n. 43, pag. 184-197, 2013. Disponível em:<<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/22677/22677.PDFXXvmi=.>>. Acesso em: 06 fev. 2022

SCHUCK, Neivor. O conceito de religião em Heidegger: uma possibilidade de superação pela fenomenologia da religião. Tese de Doutorado em Ciências da Religião. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2015.

STAKE, Robert E. Pesquisa qualitativa: estudando como as coisas funcionam. Porto Alegre: Penso, 2011.

SILVEIRA, Cláudia R. Metodologia da pesquisa. 2. ed. revista e atualizada. Florianópolis: Publicações do IF-SC, 2011.